

3 DE FEVEREIRO

Mondlane na infância

A FAMÍLIA

Como que a antever o futuro de Eduardo Mondlane, um dos seus professores da Missão Suíça pedia-lhe para que escrevesse cartas a relatar a sua vida enquanto criança falando dos hábitos e tradições do seu povo. A maioria delas, das quais transcrevemos algumas passagens que consideramos tenham contribuído para marcar a sua personalidade, foram escritas em Lausana, Suíça quando Eduardo Mondlane em 1946, contando já 26 anos de idade esteve em tratamentos, pois, segundo se refere, padecia de um esgotamento quando estudante no Transvaal do Norte. É, pois parte da infância do Dr. Mondlane que se segue.

Para começar falarei de meus irmãos. Como já lhe tenho dito, meu pai tinha três mulheres e a minha mãe era a terceira e mais nova. Da primeira mulher, meu pai teve cinco filhos, sendo três meninas e dois rapazes. Da segunda foram somente três meninas e da minha mãe foram cinco filhos (dois morreram em crianças), sendo três meninas e dois rapazes. Entre nós, filhos do mesmo pai são irmãos tenham eles a mesma mãe ou não. De modo que me não há-de considerar errado se eu utilizar o termo irmão para qualquer deles.

Como filhos do chefe (chefe regente) é natural que se considerassem príncipes. Uma coisa certa sobre eles é que não trabalhavam muito em pequenos. Entre nós qualquer trabalho pesado em casa do chefe, como a construção de palhotas, pesca, cultura nos campos, etc., é geralmente feito pela gente da terra. De modo que meus irmãos, se tinham de construir

Mondlane, com companheiros da Igreja



palhotas, fizeram-nas com a ajuda de outra gente, fazendo eles próprios muito pouco.

O mais novo de nós morreu em pequenino e ficamos quatro. Três de nós eram já homens quando eu nasci. Geralmente falando, todos eles tinham um espírito vingativo. Zangavam-se muito facilmente. Um dos meus cunhados diz-me que uma vez um dos meus irmãos encontrou o meu cunhado (quando ainda rapazes) apascentando as suas cabras juntamente com outros colegas, e o forçou a lavar-lhe as pernas.

O AMOR CUSTAVA CARO

Uma coisa que aconteceu em casa e que foi a causa de grande dissensão foi isto: Uma vez meu irmão próprio (da mesma mãe comigo) namorou uma menina que os dois outros não gostavam, por razões de família, e tentaram persuadi-lo a deixá-la. Meu irmão não quis obedecer. Decidiram bater na menina se a vissem a visitar o meu irmão.

Um dia desses a menina veio. Prepararam-se para lhe bater, mas meu irmão estava decidido a lutar. Lutaram. A luta envolveu as mulheres da família. Eu estava com minha mãe, sentado perto do lume, como era à noitinha, aquecendo-me juntamente com outras crianças da família. Um dos meus irmãos veio para o lugar onde nós estávamos. Havia muitas panelas de barro ao lume fervendo (porque preparavam a ceia). Esse meu irmão, usando a vara que carregava nas mãos, começou a destruir todas as panelas que estavam no fogo. Minha mãe me veio carregar às costas e fugimos para o mato. Do mato ouvimos barulho, barulho. Minha mãe, chorando, pedia aos espíritos das nossas avós para vir intervir

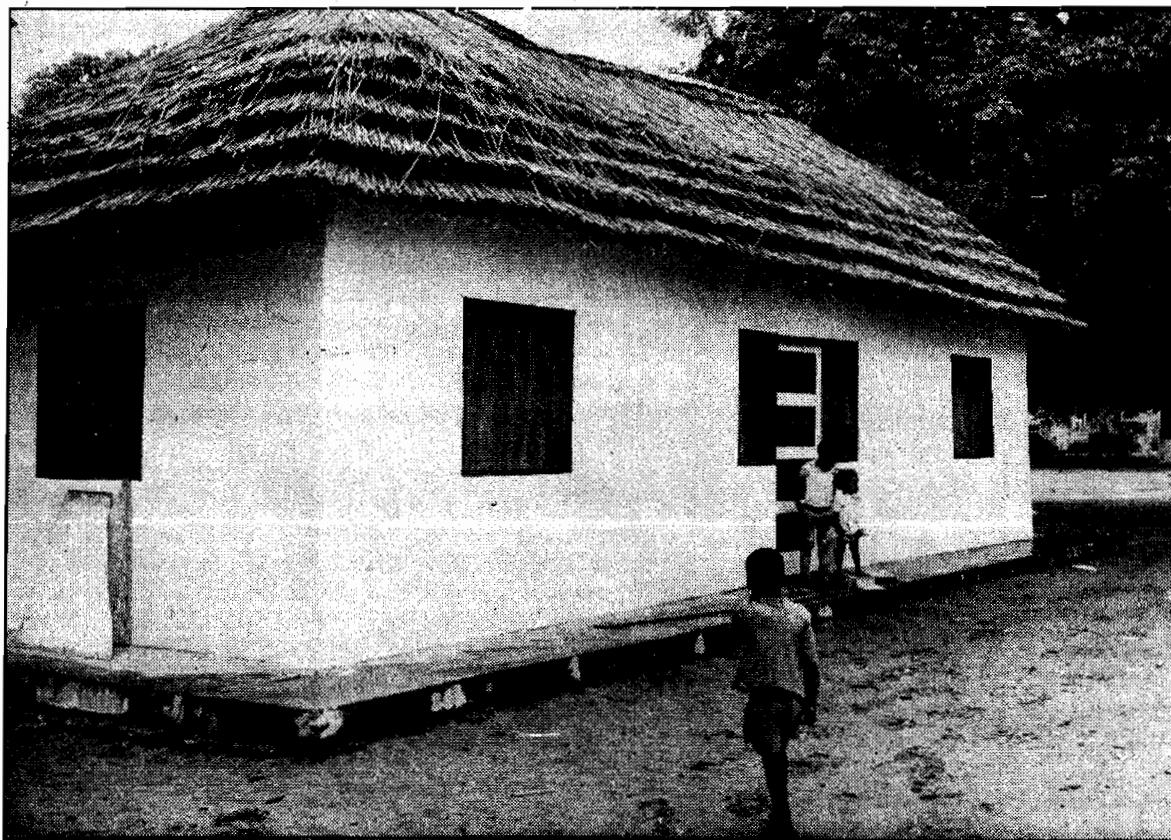
na discórdia. Não sei como a coisa parou, mas o que resultou da dissensão foi a partida de todos eles (os irmãos), dois para o Rand (1) e um para a cidade de Lourenço Marques. Saíram todos na mesma noite.

Por muitos anos fiquei em casa somente com mulheres. O que estava em Lourenço Marques voltou para casa muito doente. Tinha partido uma das costelas quando carregava coisas pesadas de um navio para o cais. Ficou alguns meses e morreu. Este era o que nascera de minha mãe.

Alguns anos depois veio um dos que tinham ido para o Rand. Muito doente (sofria de sífilose). Ficou por alguns meses e também morreu. Este deixou sua mulher e duas filhas. E o restante ficou no Rand até a família decidir mandar chamá-lo. Isto foi feito com grande sucesso. Voltou. E esse era o João Magulane Mondlane de que falei nas últimas cartas.

A vida dele em casa como protector da família era muito boa no sentido pagão; porque, como tínhamos muitas irmãs, os homens que pretendiam namorá-las (e se soubesse o que namorar quer dizer entre o pagão indígena!) vinham com mais cuidado e respeito. No tempo das bebidas já era possível chamar muita gente para a nossa povoação sem se ter medo de vir a sofrer calamidades. Podíamos encontrar peixe da nossa lagoa (Nianrongole) sem ter ido pescar, e, o que era mais importante, havia alguém para responder se os colectores de impostos nos viessem incomodar.

Penso que nesse tempo, o mais feliz da família era eu. Eu também me podia gabar em frente dos meus co-pastores de ter um irmão. Se me falarem assim-assim eu também os podia intimidar ao dizer que havia de queixar-me deles ao meu irmão.



Casa de Mondlane, em Manjacaze

AS FESTAS RITUAIS DA FAMÍLIA

Festas de «Tmhamba» (2). Nas festas em que tomei parte não posso dizer quanta gente havia porque foi há muitos anos e também houve tanta gente que é quase impossível tentar saber. Todos os Mondlanes são forçados a presenciar tais festas. Todos os relativos deles podem tomar parte nas festas.

O presidente das festas é a mais velha ou o mais velho que ainda viver nesse tempo e também deve ser muito perto da família dos chefes. O «nyanga» (curandeiro) vem somente para ser consultado se qualquer coisa acontecer e para presidir à purificação da gente. Em geral, as festas entre nós começam de manhã cedo: Os tantãs do tambor ou tambores acordam-nos aos participantes que depressa se vestem e se vão reunir no lugar da festa. As velhas, são elas que cantam o monótono mas muito espiritual canto ou hino. Há muitos cantos que são especialmente feitos para estas festas, mas os mais importantes e mais conhecidos são dois e são os seguintes:

Congregação!

Congregação dos Dzovos

Congregação dos Cambanenses!

Havemos de nos reunir no dia

De sacrifícios.

Não é correcta a tradução porque não encontro palavras exactas. Este é cantado no começo das festas. É especialmente para chamar gente, como as palavras bem o indicam.

Toda a letra sem música (do segundo coro citado):

Khambanyani tekani mablhari hiyakaya

Hoji! Hoji! hoji! hoji! hoji! hoji!

Hoji! hoji? hoji!

Este coro é cantado pela multidão quando as festas acabam e a gente dispersa. Os velhos dizem que era cantado durante a retirada depois de uma vitória na guerra.

É o coro da vitória.

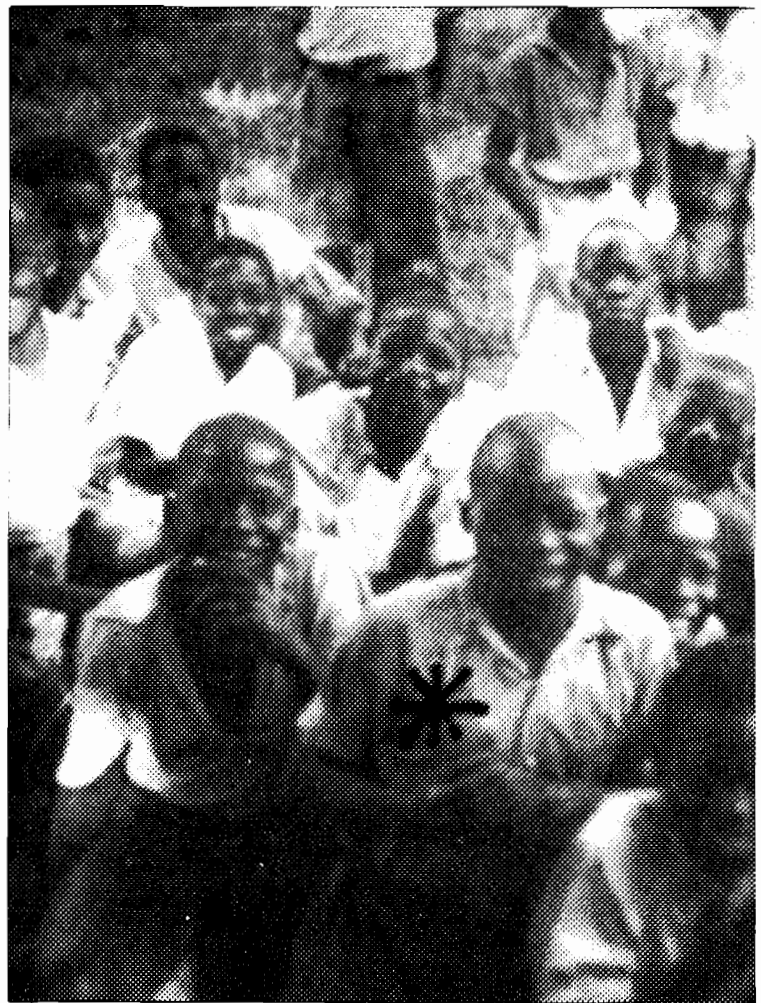
A primeira linha é cantada por uma pessoa e a multidão a acompanha no «Hoji hoji».

A ENTRADA NA ESCOLA RUDIMENTAR

Durante o tempo da minha introdução ao professor quase que toda a sala se encontrava silenciosa. Todos os olhos se tinham tornado para mim. O professor me entregou aos cuidados do seu ajudante e, como lhe tivessem dito que era da família Mondlane, instruiu-o que me tratasse com mais candura do que os outros. Isto aprendi dos meus colegas de classe alguns dias depois, quando tiveram de sofrer um castigo que eu não sofri.

Recomeçaram as lições e com elas o barulho dos «alfabetistas» (3). O ajudante, depois de ter descoberto que eu podia ler o alfabeto, foi-me pôr no lugar dos que começavam a ler «leituras de principiantes».

Enquanto liamos ouvi um tumulto no fundo da classe, e, ao olhar vi o ajudante batendo nos alunos da sua classe com uma vara longa. Parece que ele



1938: Mondlane (*) em companhia de seus amigos na praia da Polana

tinha visto alguns deles brigando entre si e, não querendo se maçar por investigar nos poucos alunos, tomou a sua vara e correu com todos os alunos da classe, usando toda a sua força; enquanto alguns deles tentavam esconder-se debaixo das longas mesas que serviam de carteiras.

Os dias que se seguiram a este não foram nem mais nem menos importantes. O professor era como um administrador na escola. Sempre que queria falar aos alunos exprimia-se em português e o seu intérprete transmitia as suas palavras aos primeiros em changana.

A RUSGA

Meus amigos me tinham falado do que eles chamavam «rusga» que posto em linguagem simples significava «caça aos novatos». A coisa era na verdade rusga. Nos dias da «rusga» os pastores sofriam grandemente. Era usualmente nas quintas-feiras, nesse dia não havia escola, mas desde que os alunos chegassem na escola o professor os dividia em grupos de pouco mais ou menos duas dezenas cada. Quando no dia anterior saíamos da escola ninguém suspeitava que no dia seguinte iríamos à caça de novos alunos (...).



na escola sem que eu mande meus policiais?» ou «Quem é seu pai!» ... Diga-lhe que é chamado pelo «professor» aqui amanhã cedo. «Se ele não aparecer terá de ir responder na Administração!» e outras desta natureza.

PRISIONEIRO AGUARDANDO O RESGATE

Muitos dos rapazes que foram apanhados naquele dia foram severamente castigados pela palmatória. Alguns deles ficaram prisioneiros por uma semana ou em custódia à espera dos pais deles. Coitadas das viúvas, algumas das mães, eram amedrontadas pela palmatória. Os pais que eram um pouco corajosos vinham e mesmo que fossem à Administração o Administrador, que era mais razoável que o professor, não lhes batia, mas somente dizia que a criança não era pastor, tinha que de vir à escola.

O dia seguinte foi de muito interesse para mim. Quis ver como havia de falar (o professor) a muitos dos pais (que na realidade eram mães, porque pais não ficavam em casa por terem ido para o Rand e outras razões que o sr. prof. bem sabe). Logo ao chegarmos à escola encontramos muitas mulheres. Um traziam galinhas, outras «cuanas de bebidas» enquanto muito poucas traziam dinheiro. O caso deles foi tratado em privado. A nenhum aluno era permitido saber como muitos dos prisioneiros seriam libertados. Coitados dos que não tiveram ninguém para os vir libertar nesse dia. O professor deu-lhes trabalho durante toda a manhã em que estávamos nas aulas. Não sei o que sucedeu de tarde, mas na manhã seguinte não estavam.

O professor daquela escola tinha o costume de escolher um grupo de rapazes para ficar na casa da escola durante uma semana servindo de serventes dele (porque era viúvo). A escolha se fazia na segunda-feira de cada semana. Ele escolhia rapazes que eram pouco mais ou menos limpos. Bem, numa dessas semanas infelizmente caí como um dos escolhidos. No começo pensei que não sofreriamos porque ele nos ia dar comida como serventes da casa. Mas qual foi o meu espanto quando ouvi o ajudante nos dizendo que devíamos dizer às nossas mães para nos trazerem comida todos os dias que o professor nos não podia sustentar. Para rapazes da terra de Manjacaze não era tão difícil (porque eram forçados a obedecer); mas eu que vim voluntariamente, minha mãe não aceitava tais histórias e, talvez, me proibiria de vir à escola (coisa que eu não sonhava em deixar, mesmo com mil diabos). Fui para casa com um coração pesado, pensando nas dificuldades que afrontava.

TEMPO CRUEL PARA O ESTÔMAGO

O ano era muito difícil no que diz respeito à comida. Setembro, Outubro, Novembro são, em geral, meses de dificuldades por falta de viveres na nossa terra. Naqueles tempos a gente está ainda trabalhando os campos. O milho, amendoim e (...) estão ainda muito verdes ou em flor. A mandioqueira e a batateira estão ainda a lutar contra a secura do In-

Fomos instruídos que fôssemos apanhar os pastores que não tivessem gado bovino e rapazes que não queriam vir à escola (...). Rapazes que frequentavam escolas de «evangelistas» deviam ser também apanhados. Qualquer rapaz que tentasse resistir devia ser severamente castigado batendo-o por meio de «tintswika» (ramos de arbustos delicados e verdes) (...).

Não me lembro do número de novatos que trazíamos nesse dia, mas eram muitos. Chegámos um pouco depois da chegada de um dos grupos; e eu soube disto porque, ao aproximarmos da casa da escola, ouvi gritos de um rapaz que estava sendo batido. Quando perguntei porque eram batidos, disseram-me que eram os «fugitivos» que sofriam o seu castigo. Ao entrarmos com os nossos novatos encontramos todos os membros do grupo que nos antecedeu já sentados e seus novatos em pé a um canto da sala da escola. O professor estava sentado a uma cadeira (servindo de juiz) enquanto o seu ajudante tinha na sua mão direita uma palmatória. O rapaz que acabara de «receber feijões quentes nas mãos» estava enxugando os seus olhos com as mangas curtas da sua camisa em trapos enquanto tentava soprar nas mãos.

No momento o professor continuava com as suas perguntas aos novatos: «Seu nome» — Vito ra wena», o intérprete transmitia. «Porque não vieste

Cemitério familiar em Manjacaze. Numa das campas jazem os restos mortais de sua mãe



verno passado. É tempo da beleza natural ostensivamente apresentada pela verdura de tudo em que a vista se pausa. Mas é um tempo cruel para o estômago, que não se regala com a beleza natural se não receber o seu imposto diário.

Falei à minha mãe sobre a ordem do professor e declarei que eu desejava obedecer às ordens do professor porque queria continuar a aprender a língua portuguesa. Ela me disse que não tinha meios de me sustentar durante essa semana. Mas como eu desejasse continuar na escola, ela tentou arranjar algumas mandiocas verdes e atando-as num pequeno molho deu-mas. Tomei a minha manta e a minha irmã prometeu vir no dia seguinte com alguma comida. Depois de comer o pouco que havia em casa nesse dia, saí muito tarde para a escola.

Quando lá cheguei, meus amigos já lá estavam. Meus amigos já se preparavam para ir buscar água ao poço, que ficava a pouco mais ou menos três quilômetros da escola. Deram-me uma lata (gogogo), e lá fomos. Era a primeira vez na minha vida que ia buscar água a um poço como uma mulher. Senti-me muito envergonhado. Como eu fosse o mais pequeno de todos eles não encheram o meu «gogogo».

TEMPO PARA APRENDER PARA TODA A VIDA

O dia estava de muito calor. A Oeste o céu se encontrava coberto de nuvens pretas. Logo antes de sairmos do poço ouvimos o murmurar da trovoada, longe, muito longe. Todos soubemos que a chuva estava iminente! Meus amigos tomaram cada um o seu «gogogo» e foram-se embora deixando-me sozinho no poço a lutar com os quilos da lata de água. Diminuí a água até a lata ficar metade. Carreguei-a e segui-os. Antes de chegarmos na escola a chuva já estava muito perto. Corremos mas em vão. Uma tremenda trovoada souou no ar. Fiquei muito amedrontado e fui parar em baixo de uma árvore. Quando

vi que os meus amigos continuavam a correr, com as suas latas à cabeça, resolvi deixar a árvore e segui-os correndo. A água que se encontrava na minha lata começou a mover-se por causa dos meus movimentos e muita água caiu dela. A chuva caía copiosamente. Fiquei completamente molhado.

Quando cheguei, a quantidade da água que tinha no «gogogo» era muito pouca. Meus amigos encontravam-se em fila em frente do ajudante do professor que inspeccionava a água. Fui-me juntar a eles. O ajudante ficou muito ofendido por ver pouca água que eu trazia. Quis bater-me mas não estava certo se o professor o vinha castigar por tal passo. Decidiu queixar-se de mim ao professor, porque não estava em casa naquela hora.

À noitinha, à volta do professor, o ajudante levou-me ao professor e apresentou o meu caso.

O professor ralhou comigo e me prometeu castigar severamente se eu não obedecesse às ordens dele. Disse-me que ali não era em Machecahomu, onde eu era respeitado, mas sim na escola onde o chefe era o professor. Tentei explicar a razão por que é que trouxe tão pouca água, mas em vão. Felizmente não me bateram.

Aqui encontrei uma nova lição: não era necessário pensar na minha posição social quando quisesse continuar os meus estudos. Havia lugares onde não me consideravam. Essa semana deu-me um bom tempo para aprender uma coisa de que me lembro e me hei-de lembrar toda a minha vida. Em casa era «eu» e minhas irmãs; na escola haviam meus amigos e o professor. Eu dependia da cooperação com meus amigos. □

- (1) Ir para o Rand significa a ida como contratados para trabalhar nas minas da África do Sul.
- (2) Festa ritual, com oferendas aos antepassados, realizada por alturas do amadurecimento do canho.
- (3) Alunos que estão a decorar o alfabeto, dizendo-o em coro.